

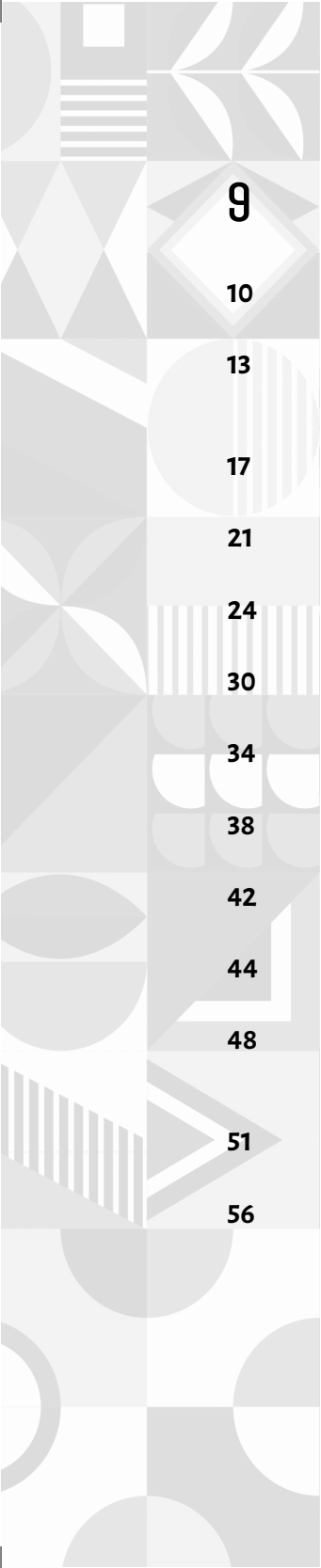
Doida pra escrever



Doida pra escrever

Ana Elisa Ribeiro



9

DOIDA POR PALAVRAS

10

DOIDA PRA ESCREVER

13

**CARTA AO(À) ESCRITOR(A) EM
SUA PRIMEIRA EDIÇÃO**

17

COMO MEDIR A PRETENSÃO DE UM LIVRO

21

A POMBA GÍRIA

24

12 TIPOS DE CLIENTE DO REVISOR DE TEXTOS

30

TRELIÇAS BEM TRANÇADAS

34

A DIFÍCIL ARTE DE SABER MAIS UM POUCO

38

PARA QUE SERVE A POESIA?

42

QUE TAL FINGIR-SE DE CÉU?

44

A BIBLIOTECÁRIA DE PLANTÃO

48

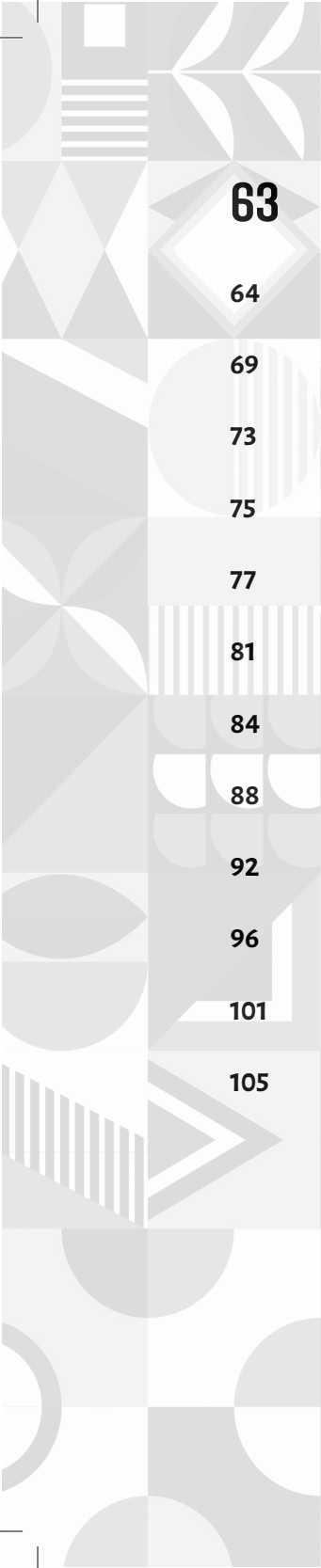
**COM QUANTOS EVENTOS LITERÁRIOS
SE FAZ UMA CANOA?**

51

LER, INVESTIR, GESTAR

56

TECNOLOGIAS E BORBOLETAS



63 MEMÓRIA & TEMPO

64 O QUE VAI SER DAS MINHAS FOTOS?

69 “EU QUERO VOCÊ COMO EU QUERO”

73 IMPRIMAM – E REPENSEM – SUAS FOTOGRAFIAS

75 O GRÃO DO TEMPO

77 CURSO DE GESTÃO ATABALHOADA DO TEMPO

81 SENHOR AMADEU

84 40 COM CORPINHO DE 39

88 ELOGIO AO CABELO BRANCO

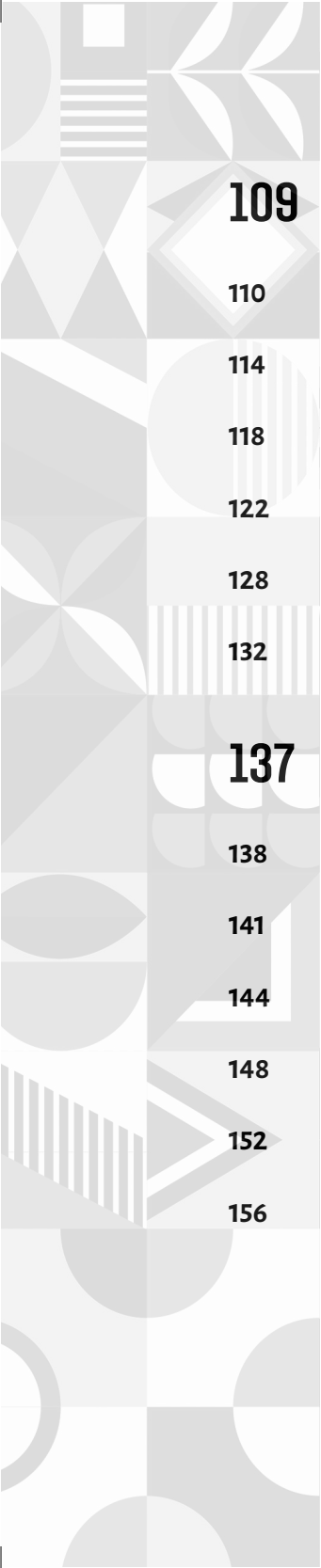
92 MOMENTO IDEAL E CONCILIAÇÃO

96 NOTURNO PARA OS NOTÍVAGOS

101 RELATÓRIO DE COMPRA

105 MEU REINO POR UMA WEBCAM





109 **EDUCAÇÕES**

110

MEU QUERIDO AEROPORTO #SQN

114

FIQUE DE CINTO ATÉ A PARADA TOTAL DA AERONAVE

118

E SE AMÉLIA FOSSE FEMINISTA?

122

QUANDO (NÃO) LI ANA CRISTINA CÉSAR

128

REUNIÃO DE PAIS, OPS, DE MÃES

132

ESCOLA, LITERATURA E SOCIEDADE: ESQUIZOFRENIA

137 **AMOR & OUTROS QUIPROCÓS**

138

BEIJO SURDO

141

DOS SENTIDOS SECRETOS DE CADA COISA

144

FAMÍLIAS TERRÍVEIS – UM TEXTO TALVEZ INDIGESTO

148

CRÔNICA EM SUSTENIDO

152

NEM MORTA!

156

O QUE FAZER COM ESTE CORPO?





DOIDA POR PALAVRAS





DOIDA PRA ESCREVER

Tem dia que eu acordo doida pra escrever. Não serve mais nada. Tem alguma coisa incomodando demais, dando engulhos ou fazendo cócegas. Às vezes é só um prazo mesmo, vencido, de preferência. Outras vezes, não. É assim a sensação que deve ter um vulcão ou então uma bomba. Vamos humanizar as coisas, minha gente. É a sensação que deve ter o nosso corpo, imagine aí em que circunstâncias, as mais variadas

Mas já ouvi dizer de gente que nunca sente isso. Por outro lado, ouvi falar de médico que prescreve escrita pra curar doideira ou algum mal da cabeça. Talvez cure também o coração e outras vísceras. Quantas vezes senti os pulmões mais capazes depois de um belo poema. Pode nem ter sido assim tão belo, vá lá, mas foi eficaz pra dores diversas.

Em relação a essa turma que não precisa da escrita pra nada só sinto duas coisas: ou inveja ou dó. Isso, dó. Desculpem aí minha intolerância. (Neste mundo, é preciso ter cuidado com isso, senão dá processo). Inveja quando penso que alguém pode conseguir viver agarradinho com seus quiprocós todos, no maior love, sem precisar tirá-los a fórceps, com uma caneta ou um teclado desbotado. Quem me dera essa convivência toda. Mas tudo bem. Pode ser que a pessoa tenha outros expedientes, tipo jogar bola com os amigos, beber bastante, correr (já vi gente se curar assim), cantar, ah, cantar a beleza de ser... isso. Mas não precisar escrever é um mistério pra mim.

O outro sentimento é mais delicado. É dó, é pena, é um negócio complicado. A gente, cá do alto de nossa implicância, fica pensando “coitado desse pessoal”. Mas é que quem escreve

se sente dono de um garimpo inteiro. Uma espécie de poder. Está na moda aí, aliás, uma palavra esquisita, traduzida e mal paga, que é “empoderamento”. É mais ou menos quando a gente aprende uma coisa que nos faz ficar mais potentes, mais podendo, com uma espécie de “cinto de utilidades” que pode ser usado quando a gente quiser mudar algo. E aí já li bastante falarem de empoderamento em relação à leitura e à escrita. E me senti mais super-heroína do que todas: a She-Ha, a Mulher Maravilha, a... bem, são quantas mesmo?

Escrever é um ódio. Mas, depois que acontece, é uma mansidão geral, até a próxima escala. Só que tem dia que eu acordo – eu e um monte de gente que fez esta descoberta – doida pra escrever. Não me vem nem a ideia do café da manhã. É que tem bastante gente que precisa tomar café primeiro. Mas eu sou uma mineira estranha: não curto nem café, nem tropeiro, nem praia. Mas aí eu corro pro computador e piro geral. Vai que dá certo? Costuma.

A escrita é uma mistura inexplicável de força, memória, conexões, leituras, falatórios, horas de filmes bons e ruins, uma vida inteira de ações e reações, atenção, desatenção, amor e desamor, ímpetos, convicções, perdões, convenções, aulas de tudo quanto há, escola, muita escola, contenção, habilidade, um tico de tendências sado-masô, exibicionismo, em algum grau, experiência em qualquer medida, mas, fundamentalmente, desobediência. A escrita nem te suga nem nada. Você acorda doidão, corre pra máquina que for (pode ser lápis, pois ela não é muito específica), escreve, escreve, escreve, sente que secou, murchou ou brochou, e continua o dia. Não desgasta, sabe? E enche, enche tudo de novo, que nem caixa d’água (quer dizer... aí depende...).

Hoje eu acordei doida pra escrever. Note-se que nem tinha muito o que dizer. Isso também acontece. No entanto, não é bem um problema quando isso rola. Tanta gente não tem nada a dizer! Ora, bolas. Nem é preciso ter um ostentável conteúdo

para escrever. Milhares e milhares de estudantes fazem isso, todos os anos, quando escrevem algumas sofridas (e sofríveis) linhas sobre o que não sabem. Já imaginou? Ter de escrever o que nunca foi pensado antes? É a tarefa mais ingrata que há. Digo sempre isso aos alunos que passam ali pelo meu quadrado: sua tarefa é a pior que há, meu caro. Depois desta, qualquer coisa funciona. Imagine o comando: Escreva aí, nesta sala bege ou verde-hospital, sem livros nem nada o que consultar, bem rapidamente, sob o olhar lancinante deste fiscal mal pago, sobre um tema que você conhecerá neste instante. OK. Está dada a largada. Se isso for possível, o resto será festa.

Não. Escritor doido pra escrever tem tempo, tem paixão, tem uns dias, uns meses, uns anos, uns livros e muita gente com quem conversar. Muitas vezes, escrever sucede a pesquisa. Pesquisa mesmo, com roteiros, leituras, entrevistas, consultas. Quem é doido por escrever costuma ter uma sala, um quarto, uma estante, uma prateleira, um computador, o que seja... mas cheios de coisas pra ler, pra olhar, pra visitar, pra levar debaixo do braço. Pensa, pensa, daí vem um ímpeto. A gente fica fofoso, um dia. Não pode nem ver uma folha de papel, uma tela em branco, que o fogo acende.

Mas vá lá. É preciso saber ficar doido pra escrever. Ligar a ignição. Tá tudo calmo e quieto, vontade alguma, só pensando no mato pra capinar ou na graxa do portão, mas chega uma demanda de escrever. Quem não entende do riscado pensa que é assim, ó: “Senta e escreve, bora lá”. E a gente faz. Aprende a riscar a faca no chão até dar faísca. Pedra com pedra. Fósforo. Lente no sol. Queima até o que não tem. Doidos pra escrever são perigosos.

Acordei doida pra escrever. E nem era só um prazo expirado. Era uma energia transbordando aqui e ali. Calibrada? Níveis normais? Vamos agora ao dia, pra ter mais o que escrever, nas próximas linhas.



CARTA AO(À) ESCRITOR(A) EM SUA PRIMEIRA EDIÇÃO

Caro ou cara autor(a), muito provavelmente seu livro impresso terá apenas uma edição, com uma pequeníssima tiragem. Mas isso não importa. São tempos de celebrar. Então não tem muita importância quantos exemplares existiram ou existem desse livro. O importante mesmo é o barulho que se fez em torno dele. Faz mais sentido, então, você manter bem vivas suas contas no Facebook, no Instagram e sua amizade com jornalistas e outros escritores sob as luzes. O demais é resto.

A diferença entre edição e tiragem? Pouca, na prática. Hoje em dia, devido aos avanços tecnológicos – em especial os digitais, claro, é possível imprimir dois livros apenas, se quisermos. E as pessoas não se importarão muito com isso. Quem procura saber as tiragens de um livro? Quem garante que as tiragens informadas em alguns colofões ou fichas foram mesmo as tiragens reais? Quantas histórias correm pelos bastidores de editores desonestos que informam uma tiragem e imprimem outra? Enfim, tiragem, caro(a) autor(a), é a quantidade de exemplares impressos. No mundo digital isso inexistente, não faz o menor sentido, porque aí nada se mede em existência física, propriamente. Até os dispositivos onde a pessoa lerá não serão mais os mesmos, dentro de alguns anos ou meses. Então pode esquecer. A edição, sim, pode coincidir com a tiragem, mas mudar. Quando se lança uma obra pela primeira vez, trata-se da primeira edição. Se em algum momento forem feitas mudanças de alguma monta, indica-se outra edição. Geralmente isso ocorre porque foram feitas correções, atualizações, acrés-

cidos, etc. Sem mudança alguma, não há por que dizer que foi segunda edição, compreende? Trata-se apenas da primeira edição em segunda tiragem. Mandaram imprimir de novo o mesmo texto. Mas essas coisas podem ser confusas. Coisas do mundo dos impressos.

O seu livro, como eu dizia ou alertava, terá apenas uma edição, provavelmente. E se for impresso, uma pequena tiragem. Nos tempos do offset, era comum que uma tiragem tivesse no mínimo 300 exemplares. Questão de custo, de máquina, de tinta, de ajuste. Hoje, não. A impressão digital prescinde disso. Como já dito, uma edição pode ter dois exemplares impressos: um pro seu arquivo pessoal e outro pra sua mãe, se ela quiser lê-lo(la). No mais, é fazer flyer, anunciar lançamento em livraria ou espaço dado a isso, avisar os amigos e os inimigos, dar-se ao desfrute. Pode sair no jornal uma notinha ou uma capa, dizendo que você lança seu livro de estreia e já pode ser considerado(a) uma promessa. Isso depende de muita coisa e nem tanto do próprio livro.

Aliás, nenhum critério deste jogo é claro. Não espere por isso. Não acredite em histórias pessoais de sucesso e superação como se fossem a regra. Evite investigar o por trás das coisas, se quiser manter a sanidade. Esqueça o lance da meritocracia. Leia apenas de soslaio as discussões sobre critérios extraliterários e os debates sobre qualidade e valor literário. Toque o bonde. Não frequente cursos de como ser escritor de sucesso e não se importe com carreiras meteóricas. Deixe acontecer.

Esta minha carta, até, pode ser ignorada... para ser coerente com o parágrafo anterior. Mas ao menos ela quer lhe dar a real. Não há critérios claros e nem uma escadinha arrumadinha para subir, rumo ao reconhecimento, ao sucesso, ao cânone, se for seu desejo. Para chegar ao cânone, por exemplo, você precisará de muitos elementos, e todos são misteriosos. Mas seria

bom que, além de ter seus livros propagados pela imprensa e pela crítica mais visível, você conseguisse ser indicado(a) em escolas – sim, essas de ensino fundamental e médio – e que defendessem algumas dissertações e teses sobre você na universidade. Talvez seja difícil alcançar tudo isso, concorda? Muitos críticos, hoje, são também os professores universitários e os poetas. De maneira que essa multiplicidade de papéis nos confunde tudo. Melhor deixar acontecer.

Não se compare. Pode ser viciante abrir um livro do(a) novo(a) gênio(a) da semana e pensar: o que ele(a) tem que eu não tenho? Bem, às vezes ocorre de você ser melhor, por qualquer razão. Mas aí as explicações são complexas também. Você não é aquela pessoa, não esteve nas mesmas contingências, não nasceu em tal ou qual lugar, não trabalhou aqui ou ali, não teve contato com não sei quem, não teve uma apresentação respeitável de um gênio mais velho (ou velha, mas elas são mais raras), etc. etc. etc. Impossível saber. Portanto, evite comparar-se e pensar no mérito alheio. Vá na sua trilha e pronto.

Prepare-se, por toda a sua vida, para a frustração. Nunca se sabe o que uma pessoa quer ao enveredar pelos caminhos da literatura contemporânea (seja em que tempo for). Tenho certeza de que muitos e muitas de nós pensamos, ao encontrar aquela editora disposta (e hoje há mais delas), que nosso livro será uma descoberta, que será comentado, consumido, lido (ah!), falado. Contenha-se. Muitos de nós pensamos assim: lancei meu primeiro livro por esta editora pequena, logo um crítico descobrirá minha genialidade e uma editora grande, dessas multinacionais, virá comprar meu passe e me fará famoso(a). Ano que vem estarei na mesa principal da Flip. Depois ganharei o Oceanos e tudo estará resolvido. De novo: contenha-se. Não acontece assim. Na maioria das vezes, não acontece. Há uma hierarquia para os livros, para as editoras, para os prêmios,

para os eventos, para tudo. Drummond já dizia dos poetas municipais, estaduais, etc. Leve na esportiva. Se você escreve para si, para resolver um contentamento seu, saberá sobreviver. O resto será uma partida de... truco. Meio na sorte, meio no grito e com muito blefe.



COMO MEDIR A PRETENSÃO DE UM LIVRO

Mal escrevi este título e já me arrependi. Não sei se o livro tem culpa no cartório. A pretensão pode ser do autor ou da autora, do editor ou da editora, do departamento de marketing ou de quem mais houver envolvido no empreendimento, seja ele de grande ou de pequeno porte. Culpei o objeto livro por algo que ele apenas materializa. Humanizei, antropomorfizei, mas o intuito era comentar (e apenas isso) minha percepção sobre alguns livros que leio, desleio, releio, transleio e mesmo dos que desprezo na estante, até que me venha uma gana qualquer de lê-lo.

O que chamei de “pretensão” pode ser sinônimo de “presunção” e mesmo de “arrogância”. Mas também pode significar “desespero”, “despreparo”, “exagero” e um tantinho de falta de noção. De maneira simples e direta, pode ser só uma pergunta: o que este livro/autor(a) pretende? Vai saber. Só mesmo nos bastidores de uma produção editorial de livro é que se pode compreender o que de fato ocorreu.

Livros são objetos tão antigos quanto complexos. Não vou aqui me aprofundar nessas questões tecnológicas, sociais, sociológicas. O que quero deixar posto é que se trata de um objeto compósito. Não é apenas uma coisa qualquer, não é apenas um emaranhado de textos. Um livro (e sua existência material) é tão político quanto sinal de resistência, persistência, insistência. A despeito de qualquer força contrária, os livros existem. Com eles, seus escritores e seus leitores, menos duradouros do que o objeto, como sabemos.

Para existir bem, é comum que um livro seja integrado por vários textos, além do “principal”. Prefácio, introdução, apresentação, orelhas, quarta capa, posfácio e o que mais existir

que possa compor, emoldurar, contextualizar, avaliar e mais... um texto que às vezes é de um iniciante, outras vezes, não. Em caso de escritor conhecido, pode ser que esses paratextos (para usar o termo de Genette) sirvam para analisar, historiar, elevar ainda mais a obra. É quando tomamos para ler um poemário do Manuel Bandeira e ele vem com um prefácio inteligente de um estudioso universitário, como que a nos ajudar a compreender aquela obra. Um pouco de aula, um pouco de contextualização, um tanto de explicação.

No caso de escritores iniciantes, ocorre algo parecido, mas a troca simbólica é mais assimétrica. Um nomão da universidade ou um crítico badalado emprestam suas assinaturas a prefácios ou orelhas que avalizam o texto principal, poemas, contos ou romance, a fim de “dar um pezinho” ao autor que ali se joga no palheiro da literatura nacional, seja ela qual for.

Funciona. Muitas vezes, o nomão ou a nomona ajudam a alçar o iniciante a uma espécie de “promessa da nova geração”. Muitas vezes, tudo fica apenas na promessa, porque são muitos os elementos que levam alguém ao cânone. No entanto, esses mecanismos (que chamam por aí de legitimadores ou tais) estão aí e mantêm a marcha, desde que o mundo é mundo e tem livros com que se preocupar. Um iniciante geralmente vai em busca de um(a) fiador(a) relevante, que o/a ajude a se destacar ou ao menos a convencer os resenhistas e os colegas de labuta. É uma espécie de QI (quem indica) literário e que não tem demérito por existir. Qual é o problema de dizer que alguém é promissor ou que vale a pena prestar atenção?

Meu incômodo é quando sobra. Sobra prefácio, posfácio, orelha e falta miolo. Quando há tanto o que ler antes e depois que nossas expectativas ficam altas demais para pouco material. Livros feitos com tantos paratextos que nos fazem desconfiar de suas possibilidades: precisam falar tanto assim? Livros que

vêm com trechos da fortuna crítica em jornais e revistas, livros excessivamente cercados, livros em que o autor e/ou o editor juntam tudo o que há que possa testemunhar a genialidade do postulante a novo(a) escritor(a) canônico. Quando me parece demais, a santa desconfia.

Mas não quero pisar no calo dos(as) colegas. Já fiz isso. Já encomendei prefácio chique, já pedi ajuda de celebridade, já recortei matérias de jornais em que diziam como eu era interessante e como minha poesia era sagaz. Nunca adiantou muito. É claro que um ou outro reparou nos links, na network, mas nada disso me fez passar de uma promessa. E ainda estou com sorte: alguns não passam de mentiras.

Há certas editoras que têm tanta bala na agulha que podem inventar autores. Elegem um ou uma para ser o próximo “melhor romancista do século” e executam uma campanha de convencimento bastante efetiva. Já vi matéria em revista sobre livro de autor iniciante que ainda nem tinha sido lançado... mas já era o gênio do milênio. Mesmo com toda essa força de marketing e de mercadão, não há controle sobre o que realmente ocorrerá a um(a) autor(a) ou a um livro. Todo esforço pode ser vão.

Li alguns livros de poesia nos últimos meses, um ou dois romances, um livro de contos e outro de crônicas. A maioria de editoras pequenas, muitas fora do eixão-mais-do-mesmo. A ideia é ser afetada pela diversidade que há e pelo que acontece, fervilha, em todos os cantos do país. A ideia é também falar do que precisa ser visto e falado; deixar o que e quem não precisa por conta dos que só enxergam o metro adiante. Em vários casos, paratextos levantam autores e obras, a ver se alguém corta e faz ponto. Nem sempre acontecerá. Na maioria dos casos, não. Em alguns deles, o excesso de fiadores torna o livro pretensioso, o que pode não cair bem.

A pretensão ou a presunção podem estar na linguagem de uma obra, mas também na sua apresentação, na forma como ela vem ao mundo, rodeada de padrinhos e madrinhas de maior ou menor capital simbólico. Em alguns casos, nomes regionais; em outros, figuras amplamente conhecidas. E essas escolhas vão afetar um livro para sempre. Conheço quem opte sempre por publicar livros “secos”, despidos de quaisquer paratextos que os distorçam ou emoldurem; conheço quem prefira ser apresentado(a), convidando professores, críticos e outros escritores(as) a entregar o texto ao(à) leitor(a); e conheço quem tenha tomado decisões erradas, erradíssimas, e tenha sido marcado de tal forma que o que era para ser um texto fiador ou de apresentação se transformou em um estigma.

Mas quando é que um livro diz por si mesmo? O que é a mínima existência de um livro e de seu(sua) autor(a)? Ter uma editora X ou Y já envolvem aval, fiança, confiança. E não ter nada? Ou ter em excesso? Esse “mercado” já foi tema de muitos poemas, de maneira irônica ou não, e continuará sendo. Sorte de quem se apoia nos elementos certos, na justa medida de um bom livro.



A POMBA GÍRIA

Eu não sei direito o que é uma gíria, morou? Mas eu sei usá-las, saca? E eu talvez tenha a manha de empregá-las do jeito certo, porque isso é uma arte. Não é assim de qualquer jeito, pá pum. É algo que exige uma ciência. E por que será que a gíria é tão desprezada? Disse o querido escritor Leo Cunha que a gíria virou a pomba gíria.

Dia desses, contei que fui a uma reunião de escola em que uma mãe zelosa pediu a palavra para banir a gíria. É arriscado, mas muita gente acha que está fazendo a melhor coisa do mundo, especialmente na criação dos filhos. Até aí, tudo bem. É até bom ter fé nisso, cara, para criar uma segurança necessária ao andamento da vida. Mas ó: querer que todos e a escola façam o mesmo já fica pesado, não?

A dita mãe – falante de um português castiço e mal lavado – tinha a seguinte teoria sobre a linguagem: a gíria atrapalha a criança no desenvolvimento dos textos, ao longo da vida. É bem parecida com uma teoria, aliás, sobre o uso desbragado do internetês pelos jovens antenados e conectados. Todas teorias furadas.

Mas, vez ou outra, gosto de ouvir as teorias sobre tudo das pessoas. Acho divertido. E tenho cá as minhas, não menos amalucadas. Mas de linguagens e textos eu entendo. Digo isso porque há quem diga que entende de cálculo, de estômago, de dente e de tantas outras coisas. Por que não posso dizer que tenho minhas sapiências? É proibido? Logo eu cá, que me formei nesse negócio?

Bom, a mãe queria banir a gíria. Fiquei com pena. Das duas. Já pensou? Controlar uma criança que interage no mundo, dessa maneira? Sei não.

Acho mais interessante quando a criança (ou quem for) tem opção e entende que as tem; isto é, quando a pessoa tem uma coleção de possibilidades expressivas e sabe usá-las. A gíria, certamente, faz parte disso.

Conheço um garoto de 10 anos que andou dando demonstração dessa sabideza. Certa vez, diante do Facebook, ele mostrava um vídeo divertido à mãe. Ela, que também está nas redes sociais, pediu que o guri a marcasse na publicação. O garoto, do alto de sua sapiência linguageira, escreveu assim: “mãe, pra vc”, ali no campo dos comentários. E marcou a mãe, que espiava a operação por trás dos ombros do garoto. Antes que ela dissesse qualquer coisa a respeito do “vc”, e ele intuía que ela diria, o carinha já se adiantou: “ó, mãe, eu sei que aqui no Facebook isso pode”. O que está absolutamente certo, minha gente!

É disso que estou falando. É de jogo de cintura, coisa que é muito necessário se ter na linguagem (como na vida). Estou falando de quando a gente escolhe um jeito de dizer, de quando alguém diz «não dê a notícia assim, é muito impactante», e você formula de outro jeito: faleceu, morreu, bateu as botas, passou desta pra melhor, foi comer capim pela raiz e assim vai. Estou falando de quando as pessoas mudam seu linguajar conforme o grupo de que participam ou conforme a cena em que se encontram: na reunião, na entrevista de emprego, no boteco ou em família. É isso. É esse jogo, tão importante, que faz a linguagem ser a roupa que a gente usa, conforme a ocasião.

Tem tanto livro que trata bonitamente disso! Tem tanto professor que sabe das coisas. Tem tanta gíria linda. E todo mundo intui que a gíria entra e sai da moda. Fazia um tempo, por exemplo, que eu não ouvia o “bacana”. E agora ela anda aí com toda a vivacidade. Daqui a pouco, pede um descanso de novo. E aquele “morou”, lá no início do texto? Essa é velha, teve sua

época, e nem era a minha. É empregada em uma propaganda de ótica, aqui pros lados de Minas Gerais. E só. E o “véi”, da moçada? E o “broto”, que ninguém usa? E chamar o Fábio Júnior de “pão”? Poxa, qual é o problema, galera? Eu não estou dizendo que a gente precisa usar gíria sem parar; mas que a gíria é um recurso pra ser usado na hora certa.

O que atrapalha as pessoas é elas não saberem que dispõem da linguagem para todos os seus afazeres, em todas as cores. Ficam limitadas, sem opção. E aí, sim, seus textos estarão prejudicados – ou zoados – para sempre, tá ligado?